



---

**INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E EXPERIÊNCIA:  
UMA POSSÍVEL ENCRUZILHADA**

---

**ARTIFICIAL INTELLIGENCE AND EXPERIENCE:  
A POSSIBLE CROSSROADS**

---

**INTELENCIA ARTIFICIAL Y EXPERIENCIA:  
UN POSSIBLE PUNTO DE ENCUENTRO**

---

Jessica Araujo<sup>1</sup>  
Albio Fabian Melchiorretto<sup>2</sup>

**RESUMO**

A inteligência artificial (IA) é cada vez mais presente em nosso cotidiano seu impacto na compreensão da experiência humana é um tema em destaque. A IA torna-se mais sofisticada em suas capacidades de aprendizado, desafiando nossa compreensão tradicional do pensamento humano. Embora o texto não explore a natureza fundamental do pensamento, ele destaca que a IA é capaz de realizar tarefas complexas, como aprendizado, raciocínio e tomada de decisões, sugerindo que compartilha características semelhantes ao pensamento humano. Partindo deste pressuposto, objetiva-se explorar, através da cartografia deleuzo-guattariana, como a IA pode remodelar ou desafiar a noção de experiência, identificando pontos de convergência e divergência entre os conceitos de experiência humana e IA. Estes pontos serão fundamentais na apresentação de recomendações que permitirão uma reflexão em torno da IA e da experiência. Visualiza-se que, na história do tempo presente, a questão sobre o uso ou não-uso da IA esteja superada, e agora, é preciso considerar o que fazer com aquilo que se fez sobre a presença da IA no curso da humanidade. Para tal, dialogar-se-á com Walter Benjamin para construir uma cartografia possível. Entende-se com esta cartografia que a IA transforma como se

---

**Submetido em:** 25/03/2024 – **Aceito em:** 4/10/2024 – **Publicado em:** 29/05/2025

<sup>1</sup> <http://lattes.cnpq.br/4752314691748856>. <https://orcid.org/0009-0001-9836-1415>. Mestranda em Ensino de Ciências Naturais e Matemática, pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Naturais e Matemática da Universidade Regional de Blumenau (conclusão 2025); Pós-Graduação Lato Sensu em Gestão Escolar (2020) e licenciada em Pedagogia (2016). Atualmente, analista pedagógica da Faculdade SENAC Blumenau. E-mail: [jessica.araujo2306@gmail.com](mailto:jessica.araujo2306@gmail.com)

<sup>2</sup> <http://lattes.cnpq.br/6198650989958494>. <https://orcid.org/0000-0001-8631-5270>. Doutor em Desenvolvimento Regional, pelo Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Regional de Blumenau (2023); Mestre em educação pela Universidade Regional de Blumenau (2016), com Pós-graduação lato sensu em Mídias e Educação (Universidade Federal do Rio Grande, 2012); Filosofia (Universidade Regional de Blumenau 2010) e Gestão Escolar (SENAC Florianópolis, 2007); graduado em Filosofia pelo Centro Universitário de Brusque (2006) e Geografia pela Universidade Cruzeiro do Sul (2023). Atualmente, professor da Faculdade SENAC Blumenau e pesquisador líder do grupo ELO (Grupo de Pesquisa Faculdade Senac Blumenau). E-mail: [albio.melchiorretto@gmail.com](mailto:albio.melchiorretto@gmail.com)



vive, e, ao mesmo tempo questiona-se o que significa ser humano.

**PALAVRAS-CHAVE:** Inteligência Artificial. Experiência. Cartografia. Aprendizado.

#### **ABSTRACT**

In this juncture, artificial intelligence (AI) and experience intertwine in fascinating ways. AI, with its capacity to learn and adapt, is transforming how we interact with the world. Simultaneously, human experience, with its emotional richness and unique perspective, remains fundamental. The convergence of these two realms raises intriguing questions: How can we harness AI to enhance our experiences? How do we balance technological efficiency with the authenticity of human connection? At this crossroads, we explore new possibilities and challenges, seeking a balance that benefits both sides. Through the lens of Deleuze-Guattarian cartography, we aim to examine how AI may reshape or challenge our notion of experience. We identify points of convergence and divergence between human experience and AI, which will inform recommendations for thoughtful reflection on AI and its impact. In the present historical context, the question of whether to use AI has been surpassed; now, we must consider what to do with the presence of AI during humanity. To navigate this, we engage in dialogue with Walter Benjamin to construct a possible cartography. Ultimately, this cartography reveals that AI transforms our way of living while simultaneously prompting us to question what it truly means to be human.

**KEYWORDS:** Artificial Intelligence. Experience. Cartography. Learning.

#### **RESUMEN**

En este cruce de caminos, la inteligencia artificial y la experiencia se entrelazan de maneras fascinantes. La IA, con su capacidad para aprender y adaptarse, está transformando cómo interactuamos con el mundo. Al mismo tiempo, la experiencia humana, con su riqueza emocional y perspectiva única, sigue siendo fundamental. La convergencia de estos dos mundos plantea preguntas intrigantes: ¿Cómo podemos aprovechar la IA para mejorar nuestras experiencias? ¿Cómo equilibramos la eficiencia de la tecnología con la autenticidad de la conexión humana? En este punto de encuentro, exploramos nuevas posibilidades y desafíos, buscando un equilibrio que beneficie a ambos lados. A través de la cartografía deleuzo-guattariana, pretendemos examinar cómo la IA puede remodelar o desafiar nuestra noción de experiencia. Identificamos puntos de convergencia y divergencia entre la experiencia humana y la IA, lo que informará recomendaciones para una reflexión cuidadosa sobre la IA y su impacto. En el contexto histórico actual, la pregunta sobre si usar o no la IA ha quedado atrás; ahora debemos considerar qué hacer con la presencia de la IA en el curso de la humanidad. Para navegar esto, dialogamos con Walter Benjamin para construir una cartografía posible. En última instancia, esta cartografía revela que la IA transforma nuestra forma de vida mientras nos insta a cuestionar qué significa realmente ser humano.

**PALABRAS CLAVE:** Inteligencia artificial. Experiencia. Cartografía. Aprendizaje.

## **INTRODUÇÃO**

A humanidade passa por uma transformação significativa na relação com o ciberespaço desde os últimos meses de 2022, com a popularização dos *chatbots* de inteligência artificial generativa. São exemplos, o ChatGPT, o Google Bard, entre outros. São sistemas de conversação entre usuário e máquina que se utiliza de inteligência artificial para avaliar os



dados fornecidos pelo usuário, atuando numa emulação de diálogo. Neste texto chamar-se-á o *chatbot*, ou assemelhados, de inteligência artificial, nomeada como IA.

O conceito de IA carece de cuidado. Apesar da popularização recente sobre certo tipo de Inteligência Artificial, ela é antiga, tanto quanto o surgimento da Revolução Industrial. A primeira prática de IA é a automação. A primeira prática de IA é a automação, que “foi a etapa inicial em cada revolução industrial, quando um tear substituiu 40 tecelãs ou uma máquina vapor tinha o poder de 50 cavalos” (Frank; Roehrig; Pring, 2018, p. 11).

Da automação de processos a IA passou de instrumentalização de produtos a práticas generativas. Hoje ela não se reduz a emulação do que a humanidade faz, mas atua no campo da imitação da atividade mental humana (Teixeira, 2019). Ferramentas de IA transformam uma quantidade gigantesca de dados em palavras e sentenças, tal qual fosse produzido, ou no caso, gerado, por um ser humano, com o intuito de fazer parecer algo natural. Poder-se-ia perguntar qual a diferença do real e do simulado, neste caso. O que nos leva a um caminho de discussão ética a respeito do uso da Inteligência Artificial no cotidiano.

O que mobilizou a construção desta reflexão foi a leitura de *Experiência e Pobreza*, de Walter Benjamin (1994a), em 1933, no contexto de ascensão do nazismo. O texto de Benjamin não é uma discussão sobre IA, ou algum tema correlato. Ele busca uma reflexão de aproximação entre a experiência e a crise de narração (Han, 2023). A partir da leitura do texto de Benjamin, surge a pergunta de pesquisa, **a IA tem o potencial de alterar ou suprimir nossa compreensão tradicional de experiência humana?**

Para Han (2023, p. 33) “a sabedoria é substituída pela técnica”, então, o motivo desta substituição seria o fruto de uma desilusão? “Sua característica é uma desilusão radical com o século e, ao mesmo tempo, uma total fidelidade a esse século” (Benjamin, 1994a, p. 115). Uma postura que exige reflexão. Em decorrência dessas leituras surge outra questão, qual o lugar da experiência em tempos em que as ferramentas de IA promovem imitação da atividade mental humana? Benjamin afirma que a ausência da experiência é problemática, pois “sem a experiência há a barbárie” (Benjamin, 1994a, p. 114).

A ausência da experiência reproduz um certo tipo de pobreza. “Sim, é preferível confessar que essa pobreza de experiência não é mais privada, mas de toda humanidade” (Benjamin, 1994a, p. 114). Uma crítica que se aplicada ao tempo presente, como se a humanidade vivesse um tempo de fazer perene, reproduzindo ideias de outrora, sem uma vivência significativa da



experiência. O que se tenta afirmar aqui é que a popularização da IA evidenciando uma prática com técnica, mas sem experiência, portanto reafirma um estado de pobreza.

Estas questões, ainda propedêuticas, levam a pensar uma aproximação entre experiência, IA e ética. Na próxima seção ocupar-se-á em apresentar o que se entende, aqui por experiência, por ora, fica-se na abordagem de Benjamin (1994a). Diante de tudo, objetiva-se explorar, através da cartografia deleuzo-guattariana, como a IA pode remodelar ou desafiar a noção de experiência, identificando pontos de convergência e divergência entre os conceitos de experiência humana e IA.

Para desenvolver o objetivo proposto, o itinerário reflexivo ocupar-se-á da cartografia, pensada a partir de Deleuze e Guattari (2011). A cartografia é uma abordagem investigativa que explora a geração de subjetividades individuais e coletivas. Ela difere da abordagem cartográfica tradicional. A análise cartográfica se concentra não apenas nas manifestações atuais, mas também nas potencialidades emergentes, nos movimentos de variação e transformação. “O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, demonstrável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 30).

O método cartográfico não busca representar ou replicar fenômenos, mas sim engajar-se em um processo de mapeamento dinâmico que captura a natureza processual dos modos de vida, bem como a fluidez dos desejos e afetos. Através da lente rizomática, a cartografia se afasta de noções de centralidade e unidade, preferindo rastrear e documentar os movimentos e a multiplicidades dos afetos. Na seção seguinte o tema da cartografia será explorado.

O caminho teórico escolhido para sustentar este estudo investigativo através de referências, será a noção de experiência partir de Benjamin (1994a, 1994b) e a definição de ética em Deleuze e Guattari (2012). A convergência e divergência proposta no objetivo é medida pelo conceito de cartografia em Deleuze e Guattari (2011). Aqui parte-se da definição de IA apresentada por Teixeira (2019). Por ora apresenta-se apenas as indicações, que serão exploradas nas próximas seções.



## METODOLOGIA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta seção ocupar-se-á em apresentar conceitos que orientam a construção teórica e metodológica por meio de recortes. Segundo Deleuze e Guattari (2010) fazer filosofia [ou a atividade que se aproxima a isso] não é apenas analisar conceitos existentes, mas criar conceitos. É uma atividade inventiva e produtiva que contribui para a expansão do pensamento. Neste caso, a novidade que se apresenta, é a construção conceitual dada a partir de vários recortes.

Para isso, a seção é dividida em quatro partes. A primeira a apresentação do sentido de experiência adotado pelo texto, dado a partir da leitura sobre a narração em Walter Benjamin. A segunda parte, o recorte da noção de cartografia, construída a partir da leitura de Deleuze e Guattari. Seguindo os pensadores franceses, apresentar-se-á os passos da cartografia social e como ela será “montada” na terceira seção, e por fim, para encerrar esta seção, o que se entende aqui por IA.

Para discutir a experiência, poder-se-ia recuperar os conceitos de *erfahrung* (experiência de choque) e *erlebnis* (experiência de aprendizado) em Walter Benjamin (2015). Entretanto, a recuperação é uma discussão ampla, e por questões metodológicas far-se-á necessário um recorte na apresentação proposta pelo autor porque a ideia, em torno da experiência, aproxima-se da psicanálise freudiana, que não é o objetivo do texto. Toma-se então, o que Benjamin (1994b) entende, que é a ideia de experiência enquanto uma vivência significativa.

Para Benjamin (2015), na contemporaneidade, a partilha ou transmissão de experiências tornou-se um evento desafiador por conta das mudanças do tempo. Em vez da experiência encontra-se um estado de vivência que mantém a consciência constantemente alerta, agindo como um mecanismo defensivo diante das ocorrências quotidianas, marcadas por momentos de impacto ou choque, conhecidos como *schockformiges* (choque).

Com a guerra mundial tornou-se manifesto um processo que continua até hoje. No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável. E o que se difundiu dez anos depois, na enxurrada de livros sobre a guerra, nada tinham em comum com uma experiência transmitida de boca em boca. [...] Não havia nada de anormal nisso. Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela guerra de material e a experiência ética pelos governantes (Benjamin, 1994b, p. 197).



Benjamin (1994b) considera que a desmoralização radical das experiências vivenciadas durante a Primeira Guerra Mundial, delineou uma narrativa consonante sobre a metamorfose da experiência na contemporaneidade. O fenômeno notório na conclusão da guerra, no qual os combatentes regressavam do campo de batalha não enriquecidos, mas sim empobrecidos em experiências comunicáveis, constitui um reflexo agudo da erosão da autenticidade e da expressividade associada a eventos traumáticos. A subsequente constatação de que as narrativas pós-guerra, particularmente na proliferação de publicações, careciam de afinidade com a tradição oral de transmissão de experiências. Isso sinaliza uma metamorfose na natureza comunicativa dessas vivências, como Han (2023) destaca ao ler Walter Benjamin.

Benjamin (1994b) destaca adicionalmente a desmoralização intrínseca a diversas esferas da existência, nomeadamente experiências estratégicas, econômicas, corporais e éticas, decorrentes do contexto bélico. A transformação radical, conforme delineada por ele, ressoa com a percepção de que eventos históricos, como a guerra, não apenas afetam a vida individual, mas reformulam igualmente os modos de comunicação e compreensão das experiências, evidenciando uma redefinição paradigmática na configuração do tecido experiencial na contemporaneidade. A isto se chama experiências significativas.

Se não houver a narração, não há uma experiência verdadeira. “Ela [a narração] tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida” (Benjamin, 1994b, p. 200). A narração é um ato significativo de expressão diante do fato dado e vivido.

Avançando para o segundo conceito, aborda-se agora a ética. Nesse sentido, é fundamental não enxergar a ética e a moral como estruturas rígidas que estabelecem posições e fronteiras por meio de dualidades. A ética pensada a partir de Deleuze e Guattari (2012) aceita modos de vida que divergem das formas fascistas ou totalitárias. Um modo de vida ético opõe-se aos microfascismos. Os autores se opõem às formas sutis de poder, controle e opressão que ocorrem no nível individual e microsocial. Isso envolve uma análise das práticas disciplinares e das relações quotidianas que moldam as subjetividades e restringem as oportunidades de expressão e resistência.

O conjunto de reflexões em Deleuze e Guattari (2012) sobre a ética diverge das concepções tradicionais sobre o tema. Os autores a concebem como um processo de acontecimento e



devir, em contraste com o modo tradicional que a vê como uma série de regras morais ou princípios universais. O foco está na dinâmica das relações e na evolução contínua, em oposição a uma condição baseada em normas rígidas, ela está associada a acontecimentos. É nos acontecimentos singulares, imprevisíveis e não regulamentados que as questões éticas surgem. A ênfase é colocada nas contingências específicas do momento, valorizando a multiplicidade e a diversidade. “Uma multiplicidade não tem nem sujeito, nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 23).

Obviamente que os conceitos que sustentam a afirmação que poderia ser a ética em Deleuze e Guattari não se esgotam nesses parágrafos. Há diversas ramificações e implicações, como Carneiro (2013) disserta. A ética em Deleuze e Guattari, para Carneiro implica em devires, atua em linhas de fuga, na promoção de outros territórios possíveis. Porém, como esta seção ocupa-se de recortes e conceitos, por ora, fica-se com a ideia da ética como um modo de vida oposto aos microfascismos, sem fazer disso um sistema dualístico fechado, ou ponte para outros devires.

A análise conceitual ajuda a construir a base da estrutura da cartografia. Em vez de impor uma interpretação que propõe a unidade, o cartógrafo, segundo Deleuze e Guattari (2011), adota uma postura de experimentação, permitindo que, tanto o pesquisador quanto o pesquisado, o ou objeto da pesquisa, sejam transformados pelo processo investigativo. A cartografia valoriza a transversalidade e a heterogeneidade, rejeitando hierarquias e estruturas rígidas em favor de uma compreensão mais fluida e multifacetada do mundo.

Deleuze e Guattari (2011) descrevem o mapa cartográfico como aberto e modificável, capaz de se conectar em todas as dimensões, refletindo a natureza não linear e descentralizada da pesquisa. “Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza” (Deleuze; Guattari, 2011, p. 30). A cartografia, portanto, não é uma estratégia de reprodução, mas uma prática de engajamento com a multiplicidade e a diferenciação, compondo com a diferença em vez de impor uniformidade.

O cartógrafo é alguém que se dedica ao estudo das forças e intensidades, buscando entender a experiência em sua capacidade criativa e seus movimentos inerentes. Se pensar, próximo a Walter Benjamin, o cartógrafo vive uma experiência significativa. Voltando a Deleuze e Guattari (2011), a cartografia propõe uma epistemologia que transcende dualismos, reconhecendo a interconexão entre ser e devir, natureza e cultura, objetivo e subjetivo. Ela promove um conhecimento local e transitório que valoriza a pluralidade e a heterogeneidade,



analisando tanto as intensidades e fluxos desejantes quanto os obstáculos que restringem o movimento acompanhando processos.

Para Deleuze e Guattari (2011) a cartografia pode ser muitas coisas, mas ela não é cópia, como também não se reduz a dualismos. Diante destas provocações, na tentativa reflexiva de responder se a IA tem o potencial de alterar ou suprimir nossa compreensão tradicional de experiência, pensa-se três possíveis caminhos cartográficos. O primeiro deles é o apontamento conceitual de aproximações entre a IA e a noção de experiência. Se por um lado há a hipótese de aproximação, por outro, haveria distanciamentos. E por fim, para pensar uma terceira margem, superando a postura dualística, o diálogo entre aproximações e distanciamentos indicariam, em tese, recomendações.

Para pensar as recomendações, parte-se do que Teixeira (2019) entende por IA. Para o filósofo ela é um procedimento efetivo que, ao transformar palavras e sentenças em um produto (entendido aqui como o resultado de uma produção), a IA é um processo. Um processo dado a partir do aprendizado de máquina que tenta imitar a atividade mental humana. Só que esta imitação não é pura emulação, ela explora implicações biotecnológicas onde surgem outras formas de expressão e subjetividades.

Os modelos de simulação apresentados pelo aprendizado de máquina, através dos ferramentais de IAs, segundo Teixeira (2019) replicam uma forma mental humana. Aqui há de se considerar que a filosofia deleuzo-guattariana compreende o pensamento como algo rizomático. Para Deleuze e Guattari (2011), o pensamento é entendido como um conjunto de conexões e interações entre diferentes elementos. Essas conexões são não-lineares e não possuem uma ordem fixa, podendo ocorrer de forma aleatória e imprevisível. Assim, o pensamento rizomático se assemelha a uma rede de linhas interconectadas, em vez de uma estrutura linear e direta. Sendo assim, cabe a questão, para além daquela que mobiliza a pesquisa, o produto da IA é rizomático ou uma reprodução do conhecimento já conhecido?

## UMA CARTOGRAFIA POSSÍVEL

Ao tratar da experiência, é crucial considerar a sua significância em primeiro lugar. Como já dito, não se pretende aqui discutir autores da psicologia, mas focar no problema já anunciado. Desta forma, retoma-se então o que Benjamin (1994b) entende, que a ideia de experiência significativa é quando ela produz uma determinada narração. Ao pensar desta forma, também



poder-se-ia questionar que tipo de narração as experiências com IA produzem. Partindo das condições que propõe para a construção da cartografia, os efeitos de aproximação produziram narrativas, os efeitos de distanciamento, o silenciamento e as recomendações, uma condição ética vivencial. Mas será isto suficiente para a reflexão?

Inicia-se a cartografia apontando-se as aproximações. Para Walter Benjamin (1994b), a técnica não é apenas um conjunto de meios ou instrumentos para dominar a natureza, mas uma forma de expressão e de experiência humana que se transforma ao longo da história. A técnica está intimamente ligada à linguagem, entendida como o meio espiritual e histórico da experiência, que abrange todas as manifestações e expressões humanas, desde as artes até as ciências.

A linguagem não é uma mera abstração ou representação da realidade, mas um campo no qual emergem relações intrincadas entre conhecimento e experiência, que se modificam conforme as condições históricas e sociais. Benjamin (1994b) critica a concepção iluminista de experiência, baseada na razão instrumental e na separação entre o imaginário e o pensamento, e propõe uma nova concepção de experiência, que valoriza a dimensão simbólica, estética e sensível da linguagem. Nessa perspectiva, a técnica pode ser vista como uma forma de conhecimento empírico que se origina da interação entre os sentidos e o entendimento e que se manifesta nas diversas formas de arte e de cultura. A técnica é, portanto, uma forma de produção que revela a criatividade e a singularidade humana diante da realidade.

Nesta questão, a técnica envolvida nos processos de aprendizado por máquina, que formam a base estrutural das IAs, se transformou ao longo dos anos, como Teixeira (2019) apontou. Muito embora, este conjunto técnico, ao mesmo que é um elemento aproximativo, é dominado por uma razão instrumental, em vez de condições inventivas, num sentido deleuzo-guattariano. Então, ao mesmo tempo que a técnica é um elemento de aproximação, suas condições, numa análise teórica apresentam-se como um fator de distanciamento.

Outra aproximação possível poder-se-ia sustentar no argumento que a IA replica uma forma mental humana, através da emulação do aprendizado de máquina. Por extensão, se a forma mental é replicada, a experiência, que é uma condição mental humana também seria. Com esta perspectiva, para Teixeira (2019) a IA não replica uma forma mental humana, mas sim a utiliza como inspiração ou modelo para construir algoritmos e arquiteturas computacionais que resolvem problemas específicos. A experiência, como visto em Benjamin (1994b), é um conceito complexo, e dado a partir de Deleuze e Guattari (2011) é multifacetada. Elementos



que envolvem não apenas processos mentais, mas também condições emocionais, sociais, culturais e históricos. Portanto, não se pode afirmar que a IA replica a experiência humana, tal qual, mas que se beneficia dela para criar soluções inovadoras e úteis para a sociedade.

O foco agora serão os distanciamentos. Para Deleuze e Guattari (2011), o mapa é uma ferramenta de criação e experimentação, que permite traçar linhas de fuga e conexões entre diferentes territórios, sem se submeter a uma representação fixa ou hierárquica. Nesse sentido, o mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, demonstrável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. O primeiro distanciamento é que as IAs não seriam consideradas rizomas.

Ao entender uma IA como uma produção dada a partir do ser máquina, mesmo havendo um suposto tipo de aprendizagem, considera-se que estão sujeitas a padrões objetivos produzidos por seus criadores, usuários e contextos. Esses padrões podem ser de ordem técnica, ética – dado externamente, social, política ou cultural. Esses padrões podem influenciar as IAs de forma explícita ou implícita, intencional ou acidental. Esses padrões reforçam as estruturas de poder e dominação existentes.

Diante da especulação, questiona-se quais são os critérios, os valores e os interesses que orientam a produção e o uso das IAs. É preciso também analisar quais são os efeitos, as consequências e as responsabilidades dessas sobre as subjetividades humanas e não-humanas. É preciso, enfim, pensar as Inteligências Artificiais como processos contínuos de devir, que implicam em transformações constantes e imprevisíveis. De certa forma, ao aproximar com Teixeira (2019), poder-se-ia dizer que há algumas tradições em xeque, diante dos desafios dado entre os limites das ações humanas e não-humanas.

Considera-se que a IA esteja em um campo interdisciplinar que desenvolve sistemas capazes de realizar tarefas que normalmente exigiriam inteligência humana, como aprender, raciocinar, comunicar e criar. A IA tem aplicado em diversas áreas do conhecimento e da sociedade, trazendo benefícios e desafios para a humanidade, apresentando outros distanciamentos.

Os limites são fundamentais para definir a identidade, a dignidade e a responsabilidade do ser humano, bem como seus direitos e deveres em relação aos outros seres. Quando pelo uso de IAs tais limites são colocados em questionamento, ou em disputa. Tradições solidificadas, como as de ordem religiosa que buscam compreender o ser humano e seu papel de mundo, passam por um questionamento estrutural.



Nesse sentido, é preciso refletir sobre as implicações filosóficas, éticas e sociais da IA, tanto no presente quanto no futuro. É necessário discutir quais são os valores, os princípios e as normas que devem orientar o desenvolvimento e o uso delas, de modo a garantir o respeito à dignidade humana e à diversidade cultural. É importante também reconhecer os potenciais riscos e benefícios da Inteligência Artificial para a sociedade e para o meio ambiente, buscando minimizar os danos e maximizar as oportunidades. Mas seria a IA capaz de abalar profundamente um paradigma religioso?

A IA tem o potencial de alterar as percepções e práticas religiosas por meio da facilitação de novos modos de interação e pelo questionamento da exclusividade da consciência humana, o que é uma ideia sugerida por Teixeira (2019). Contudo, é imperativo reconhecer que a IA é desprovida de crenças ou intenções intrínsecas; ela é um reflexo dos valores e finalidades impressos por seus desenvolvedores e operadores. E aqui, a reflexão proposta, quer distanciar-se daquele tipo de discurso que afirma que a IA substituirá certas demandas humanas. Ela opera num outro campo da técnica, e não na ocupação dos espaços humanos.

Entretanto, diante deste contexto, há de se considerar que alguns indivíduos podem considerar a IA como um instrumento para o aprofundamento do entendimento humano, outros podem percebê-la como uma ameaça aos valores estabelecidos por determinados tipos de crenças. O impacto da IA sobre os paradigmas religiosos será, ou seria, consequência de sua integração na sociedade e da interpretação por parte de indivíduos e coletividades. O distanciamento está no campo do usuário e a forma como ele interage com a máquina, não com o território proposto pela própria máquina.

É crucial enfatizar que a IA não possui a capacidade de vivenciar crenças ou emoções, e, portanto, não pode engajar-se ativamente em debates de natureza religiosa ou filosófica. Ela atua como um espelho das complexidades humanas, refletindo as questões éticas e existenciais que nos envolvem. Ela se põe num território já dado e organizado por outras formas de paradigmas.

Diante deste quadro de aproximações e debates, apresentam-se algumas recomendações. Elas são dadas em diálogo com os autores que foram mobilizados nesta reflexão.

- Mobilização para uso ético das ferramentas de IA. Esta recomendação enfatiza a necessidade de direcionar o desenvolvimento e a aplicação da IA de maneira que respeite os princípios éticos fundamentais. Busca-se prevenir a utilização indevida da



tecnologia que possa resultar em danos sociais, culturais ou humanos, categorizados metaforicamente como barbárie, como preconiza Benjamin (2015). A ética na IA envolve a implementação de diretrizes, ou marcos regulatórios, que assegurem a justiça, a privacidade e a não discriminação.

- Estabelecimento de um compromisso educativo para um uso adequado. Esta recomendação aponta para a importância de educar os indivíduos sobre as capacidades e limitações da IA. O objetivo é cultivar uma compreensão abrangente que permita aos usuários empregando a IA de forma responsável e informada, evitando abusos e dependência tecnológica. Ela é ferramenta, como aponta Teixeira (2019).
- Normatização do uso através de mecanismos de controle. Refere-se à criação de regulamentações e padrões legais que governem o uso da IA. Tais mecanismos de controle são discutidos em âmbitos como a União Europeia, visando estabelecer um quadro legal que proteja os direitos dos cidadãos e promova a transparência e a responsabilidade dos sistemas de IA. E o uso dos dados. Não é uma questão apenas de geração de informações, mas uma discussão sobre os dados inseridos e gerados a partir da máquina. Regularizar o novo território virtual.
- Promoção de diálogos interdisciplinares para evitar microfascismos. Esta recomendação sugere a necessidade de fomentar conversas entre diferentes disciplinas acadêmicas e setores da sociedade para garantir que a IA seja desenvolvida e utilizada de forma inclusiva e diversificada. O termo 'microfascismos' é utilizado para descrever tendências autoritárias ou discriminatórias, dados a partir de Deleuze e Guattari (2012) que sugerem em pequena escala, mas que têm o potencial de se expandir se não forem adequadamente confrontadas.

Essas recomendações visam orientar a integração da IA na sociedade de forma que beneficie a humanidade, respeitando os valores éticos e promovendo o bem-estar coletivo.

## CONSIDERAÇÕES

Diante da questão proposta para a pesquisa, se a IA teria o potencial de alterar ou suprimir nossa compreensão tradicional de experiência humana, considera-se que a IA está se tornando cada vez mais sofisticada em suas capacidades de aprendizado de máquina, o que pode levar



a uma compreensão mais aprofundada e complexa da mente humana. Isso pode desafiar nossas concepções tradicionais sobre o que significa ser humano e como experimentamos o mundo.

Além disso, destaca-se que a IA é usada para criar experiências imersivas e realistas, como jogos de vídeo games e realidade virtual. Essas experiências podem, potencialmente, substituir ou suprimir experiências tradicionais, como a interação humana face a face ou a apreciação de um ambiente natural. Portanto, argumenta-se que a IA tem o potencial de impactar significativamente a compreensão tradicional da experiência humana, desafiando nossas noções estabelecidas e oferecendo novas formas de interação e experiência.

O texto não explora diretamente a natureza do pensamento. No entanto, menciona-se que a IA tornou-se capaz de realizar tarefas cognitivas complexas, como aprendizado, raciocínio e tomada de decisões. Isso sugere que a IA é capaz de processar informações e realizar operações que emulam o pensamento humano, mas não entra em detalhes sobre a natureza fundamental do pensamento em si, e para dar conta desta reflexão se fez oportuno uma cartografia com recomendações. A IA aí-está, e o uso ou não-uso é uma questão superada, parafraseando Jean-Paul Sartre, “o que faremos com aquilo que fizeram de nós?” Então, como abertura a estudos futuros postula-se a questão, em torno do futuro do pensamento humano em diálogo com a experiência, quais seriam os próximos caminhos?

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2015.

\_\_\_\_\_. *Experiência e Pobreza*. In: **MAGIA E TÉCNICA, ARTE E POLÍTICA**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994a.

\_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994b. (Obras escolhidas, v. 1).

CARNEIRO, Altair de Souza. **Deleuze & Guattari: uma ética dos devires**. 2013. 116 f. Dissertação - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2013. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/2046>. Acesso em: 18 jan. 2023.



DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011. v. 1

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012. v. 4

\_\_\_\_\_. **O que é a filosofia?** 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

FRANK, Malcolm; ROEHRIG, Paul; PRING, Ben. **O que fazer quando as máquinas fazem tudo: como ter sucesso em um mundo de IA, algoritmo, robôs e big data**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.

HAN, Byung-Chul. **A crise da narração**. Petrópolis: Editora Vozes, 2023.

TEIXEIRA, João de Fernandes. **O que é inteligência artificial?** São Paulo: E-galáxia, 2019.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.